

“Higiene e Educação Physica”: modelando corpos robustos e sadios no Instituto Pedagógico (décadas de 1920-1930)

“Hygiene and Physical Education”: modeling bodies robust and healthy in the Pedagogic Institute (decades of 1920-1930)

Alexandro dos Santos¹

RESUMO: O objetivo do presente trabalho consiste em analisar a produção de corpos robustos e sadios nas disciplinas de Higiene e Educação Física que circularam no Instituto Pedagógico em Campina Grande - PB, nas décadas de 1920 e 1930, fazendo parte de um processo chamado de medicalização e disciplinarização de corpos. Para tanto, utilizamos como fonte de pesquisa a Revista do Ensino do Estado da Paraíba (1932-1942) e a Revista Evolução (1931-1932). Estabelecemos um diálogo com a historiografia que discute sobre o tema, a exemplo de Ghiraldelli Júnior (1991), de Vago (2002), de Lenharo (1986), de Oliveira (2002) e de Soares Júnior (2011). Nossa narrativa será construída/arquitetada a partir da contribuição da Nova História Cultural, principalmente através de conceitos como o de poder disciplinar, elaborado pelo filósofo francês Michel Foucault (2010), que estuda a disciplina na sociedade moderna, fazendo parte de um processo que tem como alvo a disciplina do corpo dos sujeitos, produzindo, dessa forma, corpos “dóceis”.

PALAVRAS-CHAVE: Higiene. Educação Física. Instituto Pedagógico. Campina Grande. Poder disciplinar.

ABSTRACT: The objective of this study consists in analyzing the production of robust and healthy bodies in the disciplines of Hygiene and Physical Education that circulated in the Pedagogical Institute in Campina Grande in the decades of 1920 and 1930, being part of a process called medicalization and disciplining of bodies. Therefore, we use as the source of research the Revista do Ensino of the state the Paraíba (1932-1942) and the Revista Evolução (1931-1932). We have established a dialogue with historiography that discusses the theme, the example, of Ghiraldelli Júnior (1991), Vago (2002), Lenharo (1986), Buriti (2002) and Soares Júnior (2011). Our narrative will be constructed/architected from the New Cultural History contribution principally through concepts as disciplinary power produced by the French philosopher Michel Foucault (2010) that studies the discipline in modern society, doing part of a process that has targeted the discipline of the body of the individuals, thus producing bodies "docile".

KEYWORDS: Hygiene. Physical Education. Pedagogical Institute. Campina Grande. Disciplinary power.

¹ Mestrando, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). alexandrodossantos09@gmail.com.

Introdução

O ensino de Higiene e Educação Física compunha o caminho a ser percorrido para modelar corpos e mentes saudáveis. Alcançar uma mente perfeita, detentora de conhecimentos e capaz de formar opiniões constituía alguns dos muitos benefícios que as práticas médico-higiênicas e a “cultura física” proporcionavam ao corpo das crianças e jovens que praticavam atividades físicas no Instituto Pedagógico de Campina Grande - PB. O desenvolvimento intelectual possuía relação direta com a formação física. Sendo assim, neste trabalho, objetivamos analisar a produção de corpos robustos e sadios nas disciplinas de Higiene¹ e de Educação Física² que circularam no Instituto Pedagógico³ durante as décadas de 1920 e 1930 como parte de um processo chamado de medicalização e de disciplinarização do espaço escolar e dos corpos dos sujeitos.

No Instituto Pedagógico, essas práticas tinham por finalidade pedagógica higienizar, corrigir, retirar do corpo dos discentes práticas cotidianas tidas como transgressoras dos bons costumes, a disciplina do corpo era de fundamental importância para se buscar esse ideal. Neste período, o ensino de Higiene, em conjunto com o ensino de Educação Física, passam a significar o caminho mais fácil para a fabricação de sujeitos modernos, higienizados e civilizados. Essas práticas formavam um complexo jogo social, onde o asseio do corpo inseria-se no que Norbert Elias (2011) intitulou de o “processo civilizador”.

Ghiraldelli Júnior (1991, p. 16) argumenta que ao recorrermos à História da Educação Física no Brasil, nos deparamos com cinco tendências: “a Educação Física Higienista (até 1930); a Educação Física Militarista (1930-1945); a Educação Física Pedagogista (1945-1964); a Educação Física Competitivista (pós-64); e finalmente, a Educação Física Popular”. Neste trabalho, nosso interesse parte da problematização de apenas duas tendências que se encaixam no recorte de nossas pesquisas: a Educação Física Higienista, vinculada ao movimento Higienista, e a Educação Militarista, com o objetivo de levar a juventude do país à suportar o combate, a luta e a guerra.

As duas tendências supracitadas fazem parte de um projeto médico-higienista que circulou na sociedade brasileira ainda durante a segunda metade do século XIX, e que continuou vivo na mentalidade dos brasileiros por quase toda a primeira metade do século XX, com o intuito de educar os corpos dos futuros filhos da nação. Foi, sem dúvida, sobre o

corpo das crianças que os cuidados médico-higienistas dedicaram-se com intencionalidade, como veremos adiante no decorrer desta narrativa.

A preocupação em torno da Educação Física Higienista toma como direcionamento a questão da saúde em primeiro lugar. O grande papel dessa disciplina está relacionado com a formação de homens e de mulheres sadios, fortes, dispostos à servir a nação. Os cuidados começavam ainda durante os primeiros anos de vida das crianças, quando essas adentravam o espaço escolar, garantindo, assim, um futuro sadio. “A Educação Física Higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 17). A ginástica, os esportes e os jogos contribuía para a disciplina e higiene dos hábitos dos sujeitos. Essa disciplina atingia a robustez corporal da juventude e o saneamento público, prescrevendo e livrando a sociedade de doenças contagiosas.

A Educação Física Militarista passou a ser melhor divulgada na sociedade brasileira durante o governo de Getúlio Vargas⁴. Com um caráter eminentemente militarista, essa disciplina tinha por finalidade a formação do corpo físico, mental e moral da juventude brasileira. O corpo desse jovem devia estar preparado fisicamente para o combate militar e para a representatividade da nação. Nessa concepção de Educação Física, a ginástica, os esportes, e os jogos só possuíam utilidade se contribuíssem para a eliminação das incapacidades físicas. “A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada compõem a plataforma básica da Educação Física Militarista” (GHIRALDELLI JÚNIOR, 1991, p. 18).

No início do século XX, os brasileiros presenciaram a emergência de uma nova cultura escolar⁵, as crianças tornam-se alvo de uma permanente tentativa de controle de seus movimentos nos espaços e tempos escolares. Pela administração escolar, foram muitas as tentativas de encontrar o modelo ideal de disciplina das crianças. Tarcísio Mauro Vago (2002), em seu livro *Cultura Escolar, Cultivo de Corpos*, discute o conceito de “cultura escolar”, em que apresenta um conjunto de saberes, normas e práticas transmitidas e incorporadas de acordo com os mais diversos objetivos escolares, demonstrando como as instituições promoviam a prática da Educação Física das crianças. A “cultura escolar” representava a cultura dos corpos.

A construção de um corpo robusto e sadio era um dos muitos benefícios proporcionados pela prática da Higiene, que, ao lado do ensino de Educação Física⁶,

remodelava e transformava corpos até então raquíticos, débeis, mal desenvolvidos, sem higiene, ou seja, aqueles considerados, perante a sociedade, sem capacidades físicas e higiênicas.

Um dos muitos objetivos da prática da Educação Física era a educação e a produção de sujeitos disciplinados e higienizados. Para atingir tais metas, as autoridades responsáveis pela educação no Instituto Pedagógico realizaram uma cruzada com o objetivo de educar fisicamente as crianças dentro da escola, repassando esse saber ao ambiente doméstico. A escola passa a ser o espaço ideal para a disseminação dos mais diferentes discursos em torno da causa da educação.

Alcir Lenharo (1986) em seu livro *A sacralização da política*, afirma que no início do século XX, no Brasil, o corpo passa a estar na ordem do dia e é sobre ele que estão voltadas as atenções de médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições, como o exército, a igreja, a escola, os hospitais, todos donos de um mesmo discurso, o de que a Educação Física da criança era o objetivo maior a ser alcançado. “De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transformá-la passava necessariamente pelo trato com o corpo como recurso de se alcançar toda a integridade do ser humano” (LENHARO, 1986, p. 75). Ainda conforme o autor,

A importância do trato do corpo é crucial para uma sociedade que se vê somatizada; a saúde, a força do corpo é a sua saúde e sua força estimadas. A projeção mesma de uma parte física e equilibrada com a espiritual dimensiona um conjunto social equilibrado, no qual as tensões e conflitos ficam fora de lugar pela natureza singular de sua constituição. Afinal, um projeto articulado de corporativização avança nos anos 30 e a imagem do corpo humano impunha-se como necessariamente positiva e acabada para o conjunto da sociedade (LENHARO, 1986, p. 79).

A produção de corpos fortes, dóceis e capazes de atender as demandas de um país civilizado e moderno era o desejo dos brasileiros responsáveis por fazer funcionar o sistema educacional do país. Foi sobre o corpo da criança e dentro da escola que educadores, higienistas, médicos e engenheiros realizaram campanhas com a intenção de transformar a realidade daqueles corpos, que, em um futuro próximo, ocupariam o lugar de representantes da Pátria. Segundo Pykosz e Oliveira (2009, p. 136),

Nas três primeiras décadas do séc. XX, o que se viu foi uma verdadeira cruzada higiênica que mobilizou médicos, educadores, engenheiros e todos aqueles ligados de alguma maneira a causa da instrução pública. O movimento pela renovação pedagógica e da antropologia, principalmente, a higiene como corpo doutrinário ganhou espaço no âmbito escolar. Daí as iniciativas em torno da sua implantação nas Escolas Normais, nas quais podemos localizar temas ou disciplinas tais como a própria Higiene, a Puericultura/ Paidologia, Trabalhos Manuais, Prendas Domésticas, entre outras.

No começo do século XX, a divulgação de práticas higiênicas foi decisiva na busca da formação de um corpo harmônico. Isso ocorria quando as capacidades físicas e mentais estavam em comum acordo. Uma não podia, em hipótese alguma, se sobressair a outra, causando descontroles físicos e mentais. A disciplina de Higiene foi a responsável pela transformação nos hábitos higiênicos dos alunos (as). Ao lado dessa disciplina, a Educação Física passa a atuar diretamente na formação física, moral e intelectual das crianças. O Instituto Pedagógico adota essas duas disciplinas como maneira de formar os futuros representantes da sociedade campinense. A educação do corpo fazia parte de um programa de renovação pedagógica.

Os cuidados com o corpo das crianças transformaram-se em uma das grandes preocupações por parte dos profissionais responsáveis, direta e indiretamente, pela educação escolar. Nesse movimento, a educação das crianças, da mulher, da família e da sociedade passa a ser de responsabilidade da escola, espaço esse que dissemina as pretensões de progresso e de civilização⁷ do país, a exemplo do que já vinha ocorrendo na Europa. É para a criança que se pensa e se articula uma educação corporal⁸. Essa educação ocorria de acordo com as práticas de higiene e justificava-se a sua necessidade em virtude dos costumes anti-higiênicos e impróprios que as crianças adquiriam em casa e na rua e traziam para o convívio com as outras crianças na escola. A educação higiênica e física buscava romper com hábitos incivilizados.

Para Oliveira (2002, p.236) “a educação física foi pensada por educadores como uma prática que modificava os hábitos das crianças e dos jovens, fabricando um corpo saudável e reprodutor de uma sociedade sã, somando-se à educação moral e cívica”. A educação intelectual cria, então, a ideia de que o sujeito instruído é o melhor, possuindo uma maior

capacidade cognitiva que aqueles que não frequentam a escola. Desta forma, o autor afirma que a partir de um

[...] projeto higiênico-pedagógico, a escola moderna investiu na inteligência do infante, desenvolvendo uma educação moral, coordenada com a educação intelectual e a educação física, enquadrando o corpo e a mente do aluno num ideário disciplinar da República brasileira. Corpo disciplinado era sinônimo de nação polida, desavenças políticas amenizadas. O colégio, as escolas ambulantes, os grupos escolares e as escolas normais eram construídos para instruir, formar para a cidadania, trabalhar o desenvolvimento do “homem ideal” (OLIVEIRA, 2002, p. 236).

A partir desta afirmação, podemos inferir que a Educação Física tinha como inimigas a preguiça e a moleza, parte dos praticantes de atividades físicas possuía um corpo disciplinado, saudável e belo fisicamente; os gestos são mais educados, ocorre um maior e melhor controle da alimentação e a lapidação da mente. Quem pratica exercícios físicos regularmente adquire bons hábitos físicos, morais e higiênicos, não apenas dentro das escolas, mas também no lar, “assegurando ao corpo aquilo que foi chamado de ‘higiênico’. Respirar bons ares, bronzear o corpo à luz do sol e alimentá-lo com sabedoria, ingerindo comidas saudáveis” (SOARES JÚNIOR, 2011, p. 183). A disciplina de Educação Física foi responsável por trazer para dentro do espaço escolar o desejo de aquisição de corpos saudáveis, transformando os corpos das crianças até então “raquíticos, débeis e fracos”, em corpos mais fortes, higiênicos, belos, robustos, e capazes de desempenhar e aproveitar no cotidiano as atividades escolares. O cuidado com as crianças era parte de um programa médico-pedagógico que as escolas nas primeiras décadas do século XX passaram a adotar como principal meta.

Neste cenário do final do século XIX até o início do XX, a presença do médico na escola⁹ passou a ser vista e sentida com mais frequência. Esse profissional da saúde agia combatendo moléstias, desvios de conduta, receitando medicamentos, prevenindo doenças, deformações e desvios de partes do corpo. O médico era portador de inestimável prestígio acadêmico e social. Dentro ou fora da instituição médica, seu “saber-poder” era inquestionável, sua palavra se fazia dizer, ouvir e respeitar. Para alguns, era preciso parar e ouvir o que o médico tinha a falar. Quando o assunto era relacionado à preservação e à

manutenção da saúde, ninguém o questionava, tamanho era o seu conhecimento científico. Sua palavra, depois de ouvida, devia ser seguida. Nas primeiras décadas do século XX, a presença desse profissional fez parte da realidade do cotidiano das práticas pedagógicas do Instituto Pedagógico, assim como também vinha ocorrendo na maior parte das escolas brasileiras.

Na cidade da Parahyba¹⁰, capital do Estado, o modelo de Educação Física adotado “foi efetivado como uma preocupação da elite que almejava assegurar a saúde de seus filhos educando-os em escolas privadas” (SOARES JÚNIOR, 2012, p. 4). Até a década de 1930, “apenas as escolas de orientação católica possuíam em seu currículo a disciplina de educação física associada ao ensino de higiene” (SOARES JUNIOR, 2012, p. 4-5). Em Campina Grande, cidade localizada no interior do Estado e conhecida pelo seu poder econômico e político, nas décadas de 1920 e 1930, o ensino de Higiene e Educação Física fazia parte do currículo do Instituto Pedagógico, como aparece nos exemplares da *Revista Evolução*¹¹. O Instituto era administrado pelo Tenente Alfredo Dantas, que era adepto do protestantismo¹².

Ainda durante a década de 1910, em algumas escolas do Estado, são adotadas as disciplinas de “*Hygiene e Educação Physica*. Tinha início, naquele momento, o processo chamado de medicalização da escola” (SOARES JÚNIOR, 2011, p. 179). Nesse momento, a educação destinou-se aos cuidados com o corpo de crianças, de homens e de mulheres, e passaram, no espaço escolar, a fazer parte do projeto de medicalização da escola¹³, educação higiênica e moralização dos costumes. Nas palavras de Soares Júnior (2011, p. 179):

A escola tornava-se um lugar de disseminação do saber médico, das normas de civilização e moral que doutrinavam corpos, faziam inculcar novos hábitos e viam na infância o lugar correto para essa prática. A medicalização do espaço escolar e do aluno na Paraíba ocorreu quase que simultaneamente.

Na Paraíba, o discurso médico atuava tanto sobre o corpo do (a) aluno (a) como dentro do espaço escolar. A arquitetura da escola foi construída para controlar o corpo das crianças. “Por meio dele, a criança teria suas primeiras noções de conhecimento do próprio corpo, além da sua experiência imediata, a partir da experimentação das estruturas arquitetônicas” (PYKOSZ & OLIVEIRA, 2009, p. 149). No interior do Instituto Pedagógico, os movimentos das crianças eram vigiados, evitando os contatos indesejáveis. Os corredores,

as salas de aula, o mobiliário escolar e o material didático cumpriam um papel determinante na maneira de educar, de ler, de escrever, de sentar e de se mover, até mesmo ao se locomover no interior da sala de aula. Tudo chamava a atenção do inspetor escolar que, atento aos movimentos das crianças, corrigia-as, evitando gestos indisciplinados.

A mobília escolar chamava a atenção do médico higienista devido a sua importância na correção de hábitos viciosos: as carteiras mal projetadas poderiam ocasionar deformações na coluna das crianças, que passavam longas horas sentadas na mesma posição prestando a atenção e copiando os exercícios. Os (as) professores (as) buscavam distribuir os móveis tentando evitar uma maior aproximação entre os discentes. A falta de atenção na aula influenciava no rendimento escolar, por isso, era preciso uma boa distribuição da turma, facilitando a disciplina e vigilância. Um discente bem comportado na escola era sinal de filho (a) disciplinado e obediente em casa. A escola era capaz de produzir corpos educados e produtivos. De acordo com Guacira Lopez Louro (2010, p. 21).

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem, provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala; concebe e usa o tempo e o espaço de forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas.

No cotidiano escolar, o corpo da criança produz gestos e comportamentos dos mais diversos. Por isso, era preciso, também, vigiar os movimentos das crianças fora das salas de aula, nos pátios, nos refeitórios, nas áreas de circulação e nos laboratórios. A disciplina¹⁴ se fazia necessária e constante, era preciso controlar e corrigir os desvios de conduta. “A prática dos recreios e da ginástica era defendida como imprescindível para evitar a estafa mental que poderia ser causada por seções consecutivas de atividades intelectuais” (PYKOSZ & OLIVEIRA, 2009, p. 149). Nessa empreitada, a medicina tem um destaque nunca antes visto no que diz respeito às práticas educativas. A escola torna-se o espaço de atuação de muitos médicos preocupados com as questões da higiene escolar. A esse respeito, Soares Júnior (2011, p. 180) discute que:

Dentro da escola, foram tomadas medidas de higiene para a educação do corpo do aluno com a finalidade de conduzi-lo a uma civilização dita saudável, forte, vigorosa, ordenada, higienizada. Uma educação que abriria espaço para a inserção da medicina no ambiente escolar, uma vez que se percebia a escola primária como principal foco de ação daquele serviço considerado profilático. Essa educação visava romper com hábitos ditos impróprios trazidos de casa. A criança deveria aprender bons modos na sala de aula e levar esses hábitos para o espaço do lar, atuando, assim, como educadores de seus familiares. Eram depositadas nos alunos, no ambiente escolar, as regras de higiene, saúde, civilidade, etiqueta, modos, etc., como espaço de socialização infantil. Dessa forma, criavam crianças “bem educadas”, que disseminavam, em suas casas, os manuais de boa conduta higiênica. O investimento do projeto de medicalização da escola recaía sobre as crianças, pois estas seriam a nação do futuro. Foi através de normas disciplinares de higiene que as crianças passaram a ser educadas.

No cuidado com o corpo das crianças, os esforços não podiam ser poupados. Dentro do espaço escolar, os sujeitos vivenciavam, em seu cotidiano, mudanças com a incorporação nas grades curriculares das disciplinas de Higiene e Educação Física. Os responsáveis pelo ensino adotaram medidas com a finalidade de higienizar o aluno (a), conduzindo-o (a) “a uma civilização saudável, forte, vigorosa, ordenada, higienizada” (SOARES JÚNIOR, 2002, p. 146). A nova prática educacional tinha por finalidade retirar do aluno (a) as práticas cotidianas adquiridas em espaços indesejáveis a sua educação.

Portanto, “a criação das disciplinas de Higiene e Educação Física foi fruto desse debate, buscando disciplinar os corpos, criar gerações sadias e desempenhar uma forte formação moral” (SOARES JÚNIOR, 2011, p. 148). Os exercícios físicos buscavam retirar do corpo dos discentes a preguiça constante, tornando-os seres mais aptos às práticas físicas. A disciplina das crianças trazia inúmeros benefícios, dentre eles, a redução de doenças, a educação alimentar, dos gestos, da mente, cultivando um corpo acima de tudo belo e “higiênico”. Eram novas práticas que tinham que ser incorporadas na formação dos futuros cidadãos campinenses. Assim:

[...] no início do século XX, essa disciplina indicava um componente que buscava se legitimar enquanto um saber pedagógico de tipo novo, moderno, experimental e científico. Um formato de cultura física que nas primeiras décadas do século passado preocupou-se com a ortopedia enquanto arte da correção das deformações que assombravam os setores privilegiados da sociedade. O interesse da disciplina estava diretamente ligado às práticas

higiênicas, aos hábitos e à saúde, valorizando o desenvolvimento físico e moral a partir dos exercícios (SOARES JUNIOR, 2012, p. 2).

As aulas de Educação Física do Instituto Pedagógico almejavam corrigir as deformações físicas, retirando práticas tidas como anti-higiênicas, ou maus costumes que prejudicassem os bons hábitos e a boa saúde física e mental. Nos exercícios físicos, é nítida a preocupação com a harmonia e com a disciplina do corpo. Mais uma vez recorrendo ao historiador Soares Júnior (2012, p. 4), percebemos que nas escolas paraibanas:

[...] a partir da década de 1910 as escolas privadas católicas – Colégio Pio X, Colégio de Nossa Senhora das Neves-, e a Escola Normal já possuíam a disciplina de educação física, com roupas apropriadas para tais exercícios, além do mais, passou a ser comum o desfile de corporações, bem como, a realização de exercícios físicos por parte de bombeiros e policiais em frente às escolas, na intenção de mostrar aos alunos os modelos de corpos belos e saudáveis a ser seguido.

As roupas destinadas à Educação Física também eram meios pelos quais se buscava legitimar a disciplina do corpo. Foucault (2010, p. 133-134) se refere à disciplina enquanto um dispositivo que “[...] dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado a inércia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita”.

Nas aulas de Educação Física do Instituto Pedagógico, a organização dos discentes em fileiras era indispensável, a fim de se manter a boa ordem. Partilhando dos conceitos teóricos formulados por Foucault, percebemos que a disciplina é responsável por executar a distribuição dos corpos dos indivíduos no espaço, através de técnicas, como a fila. Essa técnica é normalmente utilizada em instituições como escolas, quartéis, hospitais, fábricas e asilos, facilitando a observação, a vigilância e o controle dos sujeitos. A fila representa uma técnica de poder disciplinar. Sousa e Menezes (2010, p. 27), discutindo sobre o conceito de poder disciplinar formulado por Foucault, advogam que

As fileiras transformam o espaço em que são individualizados os corpos de forma organizada e homogênea, em uma ordem que além de localizá-los, os distribuem no espaço de maneira que exista também uma relação com os

outros, por exemplo, organizando-os por ordem de tamanho ou pela separação de meninos e meninas em duas filas.

Os discentes eram organizados ocupando espaços apropriados a sua idade e sexo. O espaço, sendo melhor distribuído, funciona como um dispositivo disciplinar, determinando o lugar a ser ocupado por cada um (a), auxiliando o docente no decorrer da aula, levando a um melhor aproveitamento do tempo. Assim, a “divisão do espaço, possibilita uma hierarquização de vigilância e recompensa. Dessa forma, torna possível controlar todos os alunos (as) e, ao mesmo tempo, quantificar as atividades desenvolvidas na sala de aula” ou no pátio da escola quando se trata do ensino de Educação Física (SOUSA & MENESEZ 2010, p. 27).

Em Dezembro de 1936, o professor Aluízio Xavier publicou o artigo *Educação Physica*, no número quatorze da *Revista do Ensino*¹⁵ do Estado da Paraíba, discutindo sobre os benefícios proporcionados pela prática da Educação Física para a propagação da saúde e força física do corpo. Conforme Xavier,

A *Gymnastica* diária tornou-se necessária para educar o nosso *systema nervoso*, equilibrar a saúde e manter a força. A educação *physica* supõe-se erradamente ter o único fim de desenvolver o musculo, quando esta cultura é apenas o meio, enquanto que o fim a atingir é a educação do *systema nervoso*. A *Gymnastica*, em todos os países civilizados, adquiriu uma importância de ordem tal que se não pode conceber educação alguma sem a sua participação [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p. 7).

A finalidade do ensino de *Gymnastica* não se limitou à formação de homens e de mulheres fortes e musculosos (as), visto que também se tinha o objetivo de “educar o nosso sistema nervoso”. A formação física e intelectual caminhava juntas e era dever das escolas ofertarem aos seus discentes o ensino dessa disciplina. “Devemos encará-la como uma matéria superior de regenerar *physica*, moral e intelectualmente os indivíduos, enquanto tonifica e disciplina-lhes o *systema nervoso* e orienta-lhes as funções cerebrais” [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p.7). Abaixo, seguem algumas regras que os praticantes dos exercícios físicos deveriam seguir para praticá-los:

Regras geraes para a execução dos exercícios *physicos*:

- Praticar os exercícios de preferência pela manhã, depois de uma leve refeição;
- Se o tempo permitir, fazê-los ao ar livre, e sendo dentro de casa com as janelas abertas;
- Executar os movimentos com perfeição, com cuidado; cada movimento, cada contração muscular deve ser levada ao máximo possível, com decisão, mas sem movimento brusco;
- Devemos terminar a série de *Gymnastica* sem sentir-se cansaço, e sim sensação de bem estar; depois de cada série de movimentos, se ficar um pouco afogante, repetir o exercício respiratório, e respirar calma e profundamente, até voltar a respiração ao estado normal;
- Cada movimento deve ser repetido um certo número de vezes 4, 8, 16, 20 vezes de acordo com o maior ou menor esforço que demandam e com a disposição e bem estar do indivíduo;
- Os movimentos rápidos menos: o salto, a marcha e a carreira, devem ser rithimados pelos movimentos naturais de respiração (expiração e inspiração), movimentos estes que devem acompanhar harmonicamente os outros;
- Durante os exercícios, é necessário respirar francamente e não reter a respiração;
- Começar pelos exercícios mais fracos para si, e não pelos muito fortes, o valor do movimento muscular está na repetição deles e não na força com que são feitos;
- Tomar um banho frio, depois de executada a série de *Gymnastica*;
- Os movimentos devem ser executados de um modo completo e contínuo;
- Começar e terminar cada lição por uma marcha *rythmada* [Sic.] (Grifos nosso). (REVISTA DO ENSINO, 1936, nº14, p. 10).

As regras faziam parte de um conjunto de normas que deviam ser seguidas na busca de um corpo harmônico. O não cumprimento de algumas dessas regras podia acarretar em desequilíbrio físico e mental, provocado pela falta ou mesmo pelo exagero das práticas físicas. Os adeptos dos exercícios físicos que seguissem à risca tais conselhos alcançavam o desenvolvimento físico desejado. De acordo com as regras postas acima, os exercícios físicos, de preferência, devem ser realizados seguindo uma sequência de normas e cuidados para a manutenção de um corpo belo e forte fisicamente, mas também, e, principalmente, com capacidades intelectuais.

Os praticantes de atividades físicas deviam adotar uma série de cuidados quando fossem realizar certas atividades, por exemplo: horário adequado, evitando períodos quentes com grande incidência de sol; ao ar livre, de preferência em jardins ou nos pátios das escolas quando fosse o caso de período escolar; se praticado dentro de um espaço fechado, manter as

janelas sempre abertas, facilitando a circulação do ar, a oxigenação e higienização do ambiente; não fazer movimentos bruscos e nem muito rápidos, executá-los com precisão, todos ao mesmo tempo; após cada sessão de exercícios pararem e respiram profundamente até que a respiração volte ao normal, isso é importante, antes de continuarem outros exercícios. Todos os exercícios devem ser executados um determinado número de vezes.

Quanto aos movimentos rápidos, esses não devem ser executados um grande número de vezes consecutivas. Jamais prender a respiração, e sim respirar calmamente sem reter o ar nos pulmões. Os praticantes de exercícios físicos devem começar pelos mais simples, para depois passarmos aos mais difíceis; o benefício de tais exercícios está em sua repetição, e não na força com os quais praticamos. É necessário que as pessoas, após uma série de *Gymnastica*, tomem um bom banho frio. O importante é que pratiquemos os movimentos de maneira contínua, só assim podemos alcançar os resultados desejados. Essas são algumas das lições passadas aos praticantes de Educação Física pelo professor Aluizio Xavier.

Além de textos, a *Revista do Ensino* recorria a imagens e ilustrações como forma de melhor instruir seus leitores praticantes de exercícios físicos, principalmente os professores de escolas públicas e particulares do Estado da Paraíba. Para Soares Júnior (2012, p. 2) esse tipo de publicação faz parte da

[...] divulgação de um saber dito “científico e pedagógico” que criou discursos normativos, publicados diariamente nos jornais e revistas em circulação pelo estado. São textos marcados pela intencionalidade de disciplinar mentes e corpos, divulgar suas virtudes benéficas para a infância e educar uma população que, de acordo com os médicos sanitaristas, precisava ser higienizada.

Essa foi a maneira encontrada pelos governantes, educadores e médicos para disciplinar parte da população, tornando-os: crianças, jovens, adultos e idosos saudáveis, fortes e melhor preparados para o mundo do trabalho. Essa era parte dos discursos destinados aos homens. Em relação às mulheres, as preocupações eram outras: com a intenção de educá-las, de acordo com as noções de uma sociedade burguesa, as meninas deviam receber uma educação voltada para o lar, detendo-se aos benefícios oferecidos pelos comportamentos pessoais e às costumeiras atividades de canto, piano, bordado, higiene e às atividades físicas

que auxiliassem em sua postura ao sentar, ao comer e ao falar em público. Uma educação doméstica, acima de tudo. Era importante uma educação que incluísse parte desse desejo que marcava presença em toda sociedade dita moderna. “Para tal empreitada, usava-se o discurso em voga na época: uma sociedade moderna. Aquela que cuide de si, que vê nos exercícios físicos a manutenção da saúde e o desenvolvimento da beleza” (SOARES JÚNIOR, 2012, p. 3).

Era sobre a criança que se depositava esperanças de um país melhor educado, higiênico e disciplinado. No primeiro número da *Revista do Ensino* de 1932, é publicado o artigo a *HYGIENE ESCOLAR*, de autoria de Joaquim Santiago. O autor defende os benefícios da prática do ensino de Higiene nas escolas do Estado, como uma forma de melhor educar o corpo das crianças. Vejamos o que diz o autor a esse respeito:

Um dos problemas mais importantes do nosso ensino, é, sem dúvida nenhuma, a educação higienica dos nossos jovens escolares.

Formar uma raça forte, capaz e digna da nossa estremecida Pátria, deve ser o grande e veemente anseio daqueles que têm a responsabilidade dos destinos da nacionalidade.

Não pudemos vencer num país tão vasto e de uma natureza impetuosa e rígida, com homens decadentes, arrumados por todas as enfermidades que se podem imaginar – syphilis, impaludismo, verminoses, etc, etc, - com o grão de instrução e de educação do nosso povo [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1932, nº 1, p. 40).

Para se formar uma pátria forte e bem preparada, ligada aos modelos de civilização e modernização em voga no começo do século XX, era fundamental que professores, médicos e pais, atuando em conjunto, investissem na formação higiênica e física das crianças. O combate às doenças começam dentro do lar e perpassava para o interior da escola, repassando de um ao outro. Era uma troca continua que levaria a uma melhor formação física e higiênica das crianças. Caberia às crianças levar seu aprendizado adquirido nas aulas de Higiene para o convívio doméstico, transmitindo-os aos seus pais, aos seus irmãos, aos seus avôs, aos seus primos e aos seus tios. Portanto:

Meninos doentes, viciados e já cheios de mazelas Moraes, não podem constituir as esperanças risonhas dum país onde tudo é grande e assombroso, a exceção, infelizmente, do homem.

Ministrar noções de hygiene aos nossos meninos, com o fim de vel-os são e cheios de um vigor sadio, minorar o sofrimento da nossa gente; dar conforto e bem estar aos que se acham anquilosados e nada produzindo para o engrandecimento da nação, constitui obra de patriotismo e de amor ao próximo.

Nas escolas primarias do nosso Estado vamos propagando, pelo livrinho didático e bem feito do notável higienista patricio dr. Renato Kehl, noções e conhecimentos aos nossos alunos das moléstias e dos meios capazes e eficazes de comba-te-las e evitar a sua propagação.

Mestres e paes, não consintaes na ignorância de noções de hygiene aos vossos alunos e filhos, pois, assim fazendo, estaes concorrendo para a infelicidade physica e moral do nosso povo [Sic.] (REVISTA DO ENSINO, 1932, nº 1, p. 40).

Os preceitos de Higiene do médico higienista Renato Kehl¹⁶ passam a ser adotados pelas escolas como a melhor maneira de formar eugenicamente as crianças. O discurso eugênico torna-se presente no cotidiano das escolas brasileiras a partir da segunda metade do século XIX e avança pelas primeiras décadas do século XX. O médico Renato Kehl, citado pela *Revista do Ensino*, foi um dos principais representantes dos ideais eugenistas no Brasil nesse período.

Então, como falamos acima, era sobre o corpo das crianças que se depositava esperanças de futuros cidadãos bem educados, higiênicos e disciplinados. No Instituto Pedagógico, o ensino de Higiene e Educação Física oferecidos às crianças fazia parte de um programa disciplinar. Em artigo publicado nas páginas da *Revista Evolução*, intitulado *Conselhos Higiênicos*, a professora normalista Noemi Carlos da Silva prescreve aos discentes do Instituto uma série de cuidados higiênicos a serem seguidos. Assim, por parte do aluno (a) era preciso:

I – Dos pés a até a cabeça; / Traze o corpo bem lavado; / -- Quem apenas lava a cara; / Não passa por asseidade. ;/

II – Deita - se cedo, meu filho; / Ergue-te cedo também; / -- Quem assim faz e trabalha; / Mui boa saúde tem. /

III – Deves usar sempre largo; / Todo o teu fato e calçado; / O sangue não gira bem; / Quando o corpo anda apertado. /

IV – A casa em que Moraes; / Deve ter sol e muito ar; / De casa que assim não seja; / Deves-te logo mudar. ;/

V – Evita, dentro de casa; / Toda a poeira e mau cheiro; / E não durmas no teu quarto; / Sem o arejar primeiro;/

VI – Essenciais, flores e plantas; / Cujo aroma é de encantar; / No teu quarto não ás queiras; / Quanto te fores deitar [Sic.] (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº2, p. 19).

Os *Conselhos Higiênicos* publicados na *Revista Evolução* e em outros meios de comunicação nos levam a pensar a respeito dos códigos de higiene e os cuidados que as crianças que frequentavam o Instituto Pedagógico possuíam em relação aos seus corpos. Os ensinamentos buscavam retirar e evitar que essas crianças trouxessem para dentro da escola maus hábitos adquiridos no lar e em outros espaços, e que não estivessem condizentes com as normas civilizatórias, que passaram a fazer parte da rotina das escolas brasileiras nas primeiras décadas do século XX, se apresentando enquanto higiênicas, modernas e civilizadas.

No Instituto Pedagógico, o discurso médico estava presente na figura do professor de Biologia, médico, memorialista e ex-prefeito de Campina Grande Elpídio de Almeida, que ministrava aulas de Biologia no Instituto. No exemplar da *Revista Evolução* de 1931, o cronista Antônio de Almeida escreve o artigo *Hygiene Moderna*, celebrando a introdução do médico-escolar no Instituto, como profissional de estimado prestígio social e acadêmico:

Chegou em fim, a vez de o médico penetrar, com a autoridade de profissional, nos estabelecimentos escolares. Ai não pontifica ele sobre o que deva uma criança aprender, nem mesmo a disciplina que deva manter ou suprimir por motivo pedagógico, compõe, inicialmente, o profissional a ficha sanitária, da qual deduzirá os cuidados higiênicos que reclama tal ou tal aluno, e marca, então, as diretrizes por onde o mestre conduzirá o ensino da criança. Intervirá pela cultura physica do escolar, interessando-se para que se não sacrifique a mesma em detrimento do ensino intelectual. Põe guarda a doença infecto contagiosa para impedir o seu acesso na escola. O higienista passou a ser ouvido em todos os problemas de grandes realizações sociais. O problema que diz respeito à higiene, tem hoje interesse político-econômico-social [Sic.] (REVISTA EVOLUÇÃO, 1931, nº 1, p. 28).

No discurso de Antônio de Almeida, o médico tinha que adentrar o espaço escolar receitando os conselhos higiênicos, intervindo nos exercícios físicos para que esses não prejudicassem o desenvolvimento físico e intelectual da juventude campinense. O aspecto físico tinha que ser desenvolvido em benefício do intelecto. Para isso, o ensino de Higiene e

Educação Física fez parte de um programa educacional desenvolvido pelas elites brasileiras com o objetivo de proporcionar uma educação de qualidade aos seus filhos (as).

Essas duas disciplinas, atuando juntas, animaram a mentalidade de muitos brasileiros esperançosos de verem os corpos de seus filhos (as) fisicamente produtivos. Por isso, foi preciso a atuação conjunta dentro das escolas, de profissionais intelectualmente capazes de transformarem uma realidade que a muito necessita de mudanças. Diretores, professores, engenheiros, arquitetos e médicos tomaram a frente no que diz respeito às mudanças que foram empreendidas em relação às formas como até então se vinha concebendo nosso sistema educacional. Esses profissionais interviram dentro e fora do espaço das instituições escolares. Ditando e promovendo novos saberes. O alvo principal foi o corpo de crianças e jovens. Segundo Oliveira:

Não só os arquitetos eram especialistas em espaços. Os médicos também, somados aos pais e pedagogos. Mas não era apenas o espaço do corpo que deveria ser regulado por esses especialistas. Outras cartografias entravam na mira dos “corretores” da ordem e da moral republicanas. E nessas “outras cartografias”, a escola torna-se um alvo de moralistas, de médicos, dos pais e, principalmente, do Estado. Os sentidos da educação não se resumiam apenas em ler, escrever e contar. Estes eram fundamentais, acrescidos do sentido patriótico que o discurso pedagógico representava. Os alunos são diagnosticados em seu cotidiano escolar, mediante dispositivos de controle que permitem a sua regeneração física e moral. A escola assemelha-se a um “hospital”, clinicando hábitos de higiene, alimentação adequada, vícios a serem corrigidos, tarefas a serem executadas, finalizando recuperar a “mente atrasada”, rude e retardada, transformando-a em um celeiro produtivo. Um padrão de moralidade e de sociabilidade era requerido pela escola, a qual era um território estratégico para controlar a infância e a juventude, editando livros com discursos que enalteciam à pátria, o trabalho cotidiano, o cuidado com o lar, a virtude militar, a correção, a família constituída por pai, mãe e filhos, reafirmando a monogamia conjugal e discriminando o divórcio ou a família constituída por mães solteiras (OLIVEIRA, 2002, p. 333).

O espaço escolar também foi alvo das investidas dos especialistas na educação e de médicos e pais. A escola assemelhava-se a um hospital não apenas nos aspectos físicos de sua arquitetura, mas, principalmente, quando tratava-se de educar o corpo dos discentes, a partir de novos hábitos de higiene, alimentação, e na correção de vícios trazidos para o interior do espaço escolar. É na escola que a criança passa a maior parte de sua infância, aprendendo e repassando ao demais colegas e familiares os discursos de enaltecimento da Pátria.

Na Paraíba do início do século XX, esses novos discursos também foram ouvidos e sentidos pela população. Muitas das escolas da capital do Estado, a cidade da Parahyba, na década de 1910, já haviam adotado, em suas grades de ensino, as disciplinas de *Higiene e Educação Physica*. No interior do Estado, a cidade de Campina Grande, que nas décadas de 1910 a 1930 vivenciava substanciais mudanças políticas, econômicas, arquitetônicas e culturais, também já adotara o ensino de *Higiene e Educação Physica* nas escolas particulares ligadas à tradição religiosa, como parte do processo conhecido como medicalização e disciplinarização do espaço escolar e dos corpos.

Um claro desta prática foi o Instituto Pedagógico que durante as primeiras décadas do século XX, adotou o ensino dessas duas disciplinas com o propósito de medicalizar e de disciplinarizar o corpo daqueles (as) que iriam ser os futuros representantes da sociedade campinense. O corpo da criança foi o principal alvo em torno desses discursos. Esse trabalho buscou demonstrar como esses discursos em favor da implantação das disciplinas de Higiene e Educação Física perpassaram as paredes do Instituto Pedagógico em Campina Grande no início do século passado, formando, desta forma, cidadãos higienicamente e fisicamente civilizados e modernos.

Referências

ANDRADE, Vivian Galdino de. **Alfabetizando os filhos da rainha para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande – PB (1919-1942)**. (Tese de doutorado em Educação). PPGE – UFPB. – João Pessoa – PB, 2014.

CORRÊA, Denise A. Ensinar e aprender educação física na “era Vargas”: lembranças de velhos professores. In: VI EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PUCPR - PRAXIS, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. v. 1. (ISBN 85-7292-166-4). Disponível em: <http://www.ufscar.br/~defmh/spqmh/pdf/vargas.PDF>. Acesso em: 15/08/2015.

DIWAN, Pietra. **Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo / Pietra Diwan**. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Volume 1: uma história dos costumes / Norbert Elias; tradução: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 2010.

_____. **Microfísica do poder** / Michel Foucault; organização e tradução de Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista** – a Pedagogia Crítica – Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. Paulo Ghiraldelli Júnior. Prefácio: José Carlos Libâneo. Vol. 10. Edições Loyola, São Paulo - Brasil, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação** / Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Silvana Vilodre Goellner (Organizadoras). 9.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GONDRA, José Gonçalves. **Entre o Cura e o Médico: higiene, docência e escolarização no Brasil Imperial**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 22, p. 183-204, Maio/Ago 2007. Disponível em: <http://fae.ufpel.edu.br/asphe>. Acesso em: 20/07/2016.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico**. / Dominique Julia. Tradução de Gizele de Souza: Revista brasileira de história da educação; nº1, jan./jun. 2001. Disponível em: <http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe>. Acesso em: 23/01/2016.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. 2ª ed. Campinas - SP: Papirus, 1986.

LOURO, Guacira Lopez. **Gênero, sexualidade e educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. 11. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade** / Guacira Lopes Louro (organizadora); 3. Ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 176p.

PYKOSZ, Lausane Corrêa, OLIVEIRA, Marcus Aurelio Tabora de. **A higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná**. Currículo sem Fronteiras, v.9, n.1, pp. 135-158, Jan/Jun 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1articles/7-pykosz-oliveira.pdf>. Acesso em: 12/04/2014.

SOARES JUNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos Hígdidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912 – 1924)**. / Azemar dos Santos Soares Junior. (Dissertação de mestrado). PPGH – UFPB. – João Pessoa - PB. [s.n]. 2011.

_____. **Physicamente vigorosos: medicalização escolar e modelação de corpos na Paraíba (1913-1942)**. / Azemar dos Santos Soares Júnior. (Tese de doutoramento em Educação). PPGE – UFPB. - João Pessoa – PB, 2015.

_____. **Corpos robustos: Higiene e Educação Physica nas escolas da cidade da Parahyba (1913-1924)**. SAECULUM – Revista de História [24]; João Pessoa, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/12441>. Acesso em: 23/11/2015.

_____. **Santuário da Saúde: Corpo e Educação Physica na Paraíba no início do século XX.** Fenix Revista de História e Estudos Culturais, v.9, n.3, ano IX, Setembro/ Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2012. ISSN: 1807-6971. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso em: 21/02/2016.

SOUSA, Noelma Cavalcante de, MENESEZ, Antônio Basílio Novaes Thomaz de. **O poder disciplinar: uma leitura de Vigiar e Punir.** SABERES, Natal – RN, v.1, nº4, jun, 2010. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/saberres>. Acesso em: 20/01/2016.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. CENA III – Modernidades. In. **Façamos a família à nossa imagem: a construção de conceitos de Família do Recife Moderno (décadas de 20 e 30).** (Tese de doutorado). Recife, Dezembro de 2002.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação physica e gymnastica como práticas constitutivas de corpos de crianças no ensino público de Belo Horizonte.** / Tarcísio Mauro Vago. – Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

Artigo recebido em 28 de fevereiro de 2016. Aprovado em 28 de julho de 2016.

Notas

¹ Nas palavras de Gondra (2007, p.185-186), a Higiene a partir do século XIX e princípio do século XX se constituiu enquanto um saber especializado da medicina. E para se legitimar enquanto um saber científico, “empregou dois grandes vetores. Um voltado para o interior da própria ordem médica, desdobrável na criação de disciplinas de formação; na importação, tradução e redação de manuais e compêndios; na organização de sociedades científicas e também na produção de discursos endereçados a um público mais amplo, na forma de dicionários, jornais, revistas e da própria literatura. O outro vetor foi apontado para várias instituições da sociedade como quartel, cemitério, prisão, bordel, igreja, família e escola, por exemplo. Apontado para a escola, a heterogeneidade das formas de legitimação também se fez presente, visível na definição das regras para constituir uma família higienizada, na definição de uma física das escolas, compreendendo sua localização, arquitetura, iluminação, aeração e metrificacão dos espaços e também na normalização dos professores e das ações pedagógicas”.

² O Instituto Pedagógico “Foi a primeira escola particular da cidade a ser referenciada com uma “modernidade pedagógica”, alfabetizando e profissionalizando os sujeitos” (ANDRADE, 2014, p. 8). Durante as décadas de 1920 e 1930, introduziu entre suas práticas pedagógicas as disciplinas de Higiene e de Educação Física com o objetivo de medicalizar e de disciplinarizar o corpo das crianças. Foi uma das primeiras instituições de ensino de Campina Grande a adotar o ensino de Educação Física tanto para o sexo masculino quanto para o sexo feminino. Para adquirir melhores informações a respeito do ensino de Higiene e Educação Física no Instituto Pedagógico, deve-se consultar os exemplares da *Revista Evolução*, que se encontram na Biblioteca Atila de Almeida, localizada na sede da reitoria da UEPB, *Campus I*, Campina Grande-PB. Sobre a historia de Campina Grande e do próprio Instituto Pedagógico, o leitor pode consultar a tese de doutorado da historiadora Vivian

Galdino de Andrade (2014), intitulada “Alfabetizando os filhos da rainha para a civilidade/modernidade: o Instituto Pedagógico em Campina Grande – PB (1919-1942)”.

³ O Instituto Pedagógico foi criado em 1919 pelo então Tenente Alfredo Dantas Correa de Góis, que era oficial do Exército brasileiro. Em 1943, com o fim da administração do Tenente Aldredo Dantas, passa a se chamar Ginásio Alfredo Dantas (pela criação do curso ginásial) e, em 1950, passa a ser conhecido pelo atual nome Colégio Alfredo Dantas – CAD. Atualmente, é a escola mais antiga em funcionamento em Campina Grande, sendo também uma das mais tradicionais da cidade.

⁴ “A ‘Era Vargas’, ou ‘governo ditatorial de Getúlio Dorneles Vargas’ compreende as décadas de 1930 e 1940, ou, mais precisamente, desde o governo em caráter provisório de Vargas a Presidência da República, iniciado em outubro de 1930, passando pelo período constitucional de 1934 a 1937 e seguindo-se o período ditatorial estadonovista, entre os anos de 1937 e 1945, quando Vargas é deposto do poder” (CORRÊA, 2006, p.2).

⁵ O conceito de *cultura escolar* pode ser descrito como um conjunto de normas “que definem os conhecimentos, o ensino e condutas, a fim de inculcar um conjunto de práticas que permitem a transmissão de conhecimentos e a incorporação de comportamentos. Ainda no tocante à *cultura escolar*, é preciso também compreender “as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares” (JULIA, 2001, p. 11).

⁶ Segundo Soares Júnior (2015), a disciplina de Educação Física é filha legítima da Higiene. Entre os anos finais do século XIX e no começo do século XX, o ensino de Educação Física e as próprias atividades físicas estão recheados de cuidados envolvendo a saúde e o asseio do corpo dos sujeitos. Isso demonstra e forma bem clara que as disciplinas de Higiene e Educação Física atuaram juntas sobre os corpos dos sujeitos para a transformação do corpo nacional, com a preocupação de higienizá-los, medicalizá-los e discipliná-los.

⁷ Para o sociólogo alemão Norbet Elias, o conceito de Civilização refere-se a uma grande variedade de fatos. Vinculados ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Refere-se aos tipos de habitações e às maneiras como os homens e mulheres vivem a vida juntos, as formas de punições determinadas pelo sistema judiciário e diferentes maneiras como preparamos determinados tipos de alimentos. “Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada” (ELIAS, 2011, .23). Através do uso da palavra Civilização, a sociedade ocidental busca descrever o que lhe constitui um caráter especial e aquilo de que se orgulha. O nível de desenvolvimento de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica e visão de mundo.

⁸ O corpo é algo produzido na e pela cultura. O corpo é uma construção onde são atribuídas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais e étnicos. “O corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz” (GOELLNER, 2013, p. 30).

⁹ No Instituto Pedagógico, a partir da década de 1920, o discurso médico-higienista passou a ser uma constante no cotidiano das práticas pedagógicas da instituição. Neste período, era comum encontrarmos referências a Elpidio de Almeida nas páginas da *Revista Evolução*. Esse profissional bastante respeitado em meio a sociedade campinense, além de exercer o cargo de professor de Biologia no Instituto, também foi o responsável direto por realizar os exames médicos dos discentes que buscavam frequentar os cursos primários e secundários na Instituição, concedendo atestados médicos, comprovando que as crianças tanto do sexo masculino como também do sexo feminino estavam livres de qualquer tipo de doença infectocontagiosa.

¹⁰ Até 1930, a capital do Estado – hoje, de nome João Pessoa - se chamava Parahyba. A mudança de nome se deve à morte do político e governador do Estado em 1930, João Pessoa. Uma série de manifestações realizadas por intelectuais, políticos e populares contribuíram para que a cidade tivesse seu nome mudado para João Pessoa em homenagem ao governador do Estado, nome esse que permanece até os dias atuais.

¹¹ A *Revista Evolução* foi produzida pelo Instituto Pedagógico entre os anos de 1931 e 1932, e se tornou um dos principais veículos de comunicação da cidade de Campina Grande no período aqui analisado, abordando temas os mais variados: política, economia, religião, discurso médico-higienista, formação de professores, economia doméstica, ensino de contabilidade, prendas domésticas, além do ensino de Higiene e Educação Física. Os exemplares da *Revista Evolução* encontram-se na Biblioteca Átila de Almeida, localizada na sede da reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, *campus I* de Campina Grande. Todos os números da presente revista foram, ao longo da pesquisa, catalogados, digitalizados e transcritos.

¹² A respeito da religião protestante do Tenente Alfredo Dantas, consultar os exemplares da *Revista Evolução*.

¹³ Michel Foucault (1979, p. 80), ao analisar a emergência da medicina moderna, afirma que esta é uma prática eminentemente social por abranger uma certa tecnologia do corpo social. Sendo uma prática social, a medicina somente é individualista quando se refere à valorização da relação médico-paciente. Para o autor, foi a partir do desenvolvimento do sistema capitalista de produção consolidado entre os séculos XVIII e XIX, em consequência do aumento vertiginoso da produção industrial nos países europeus, que o corpo do trabalhador passou a ser classificado e visto como força de produção e de trabalho. Neste momento, o controle exercido pela sociedade sobre os indivíduos iniciou-se no e sobre o corpo. “Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política”.

¹⁴ Ao analisar o conceito de *poder disciplinar* na sociedade moderna, Michel Foucault (2010, p. 138) diz que “O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. [...] Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos”.

¹⁵ O historiador Azemar dos Santos Soares Júnior (2015, p. 24), em sua tese de doutoramento, intitulada “Physicamente Vigorosos: Medicalização escolar e modelação dos corpos na Paraíba (1913-1942)”, afirma que os exemplares das “*Revistas do Ensino* que circularam na Paraíba entre a década de 1930 e os primeiros anos da década seguinte incumbiram-se da missão de fazer circular um saber próprio aos docentes. Dos dez exemplares publicados, quase todos trouxeram artigos sobre a importância da matéria de higiene e educação física. É possível encontrar em suas páginas: orientações de como utilizar o livro didático, legislação do ensino na Paraíba, como conduzir as aulas de higiene; a realização da ginástica nas aulas de educação física, a higiene dos dentes, dos alimentos, das roupas, dos prédios escolares. Das realizações de eventos pedagógicos, a revista tratou de publicar os resultados de sua culminância. Esse periódico apresentou textos proferidos em palestras, em cultos corporais ao civismo ou em evento como as marchas em homenagem ao ilustre presidente João Pessoa. Fez formação de professores. Revestiu-se do discurso de uma educação capaz de formar um cidadão saudável e defensor de sua pátria e em consonância com a ideologia da Era Vargas”.

¹⁶ Segundo Pietra Diwan, Renato Kehl produziu “uma ampla obra escrita, publicou mais de trinta livros, a partir de 1917, sobre a temática eugênica. *A cura da fealdade* (1923), *Lições de eugenia* (1929), *Sexo e civilização* (1933), *Por que sou eugenista?* (1937), e *Typos vulgares* (1946) figuram entre os principais, publicados, em sua maioria, pela Editora Francisco Alves, sediada no Rio de Janeiro. Além disso, foi o editor-responsável do periódico *Boletim de eugenia* (1929-1931), durante os três anos de sua circulação, e editou a *Revista terapêutica, Vida rural e O farmacêutico brasileiro*, todas financiadas pela Casa Bayer do Brasil entre as décadas de 1920 e 1940. Publicava também regulamente nos principais jornais do país. Manteve relações epistolares com outros eugenistas brasileiros e com os principais representantes do eugenismo internacional durante diversos anos, o que lhe valeu prestígio e reconhecimento no meio intelectual. Por isso talvez tenha recebido de seu sogro, o médico sanitário Belizário Penna, o apelido de “campeão de eugenia” (DIWAN, 2011, p. 124).